

# **MIKHAIL M. BAKHTIN E A MUDANÇA NA FORMA DE PENSAR**

## **MIKHAIL M. BAKHTIN AND THE CHANGE IN THINKING**

Tânia Maria Gebin Carvalho<sup>1</sup>  
Elvira Cristina Martins Tassoni<sup>2</sup>

### **RESUMO**

A organização deste artigo tem como objetivo colaborar com os leitores iniciantes, interessados nos estudos sobre a abordagem dialógica de linguagem na perspectiva de Bakhtin e do Círculo. Para tanto, apresenta colaborações de outros estudiosos sobre o tema e, ainda, traz as ações responsivas que se apresentavam para as autoras no decorrer das leituras de Bakhtin. Apresenta os conceitos: dialogismo, enunciado concreto e gênero do discurso, que estão discutidos separadamente apenas pelo caráter didático que se intenciona dar ao artigo, mas que são explorados de maneira inter-relacionada nos textos originais de Bakhtin. Este trabalho está organizado em dois momentos: a indicação dos objetivos e uma breve narrativa sobre a vida de Bakhtin para, em seguida, destacar os conceitos mencionados. Ao concluir, o artigo aponta para a importância de se buscar compreender o pensamento de Bakhtin na abrangência de sua obra e, que isso deve afetar a forma como pensamos. Enfatiza ainda uma abordagem dialógica da linguagem.

*Palavras-chave:* Enunciado Concreto. Dialogismo. Gênero do Discurso.

### **ABSTRACT**

The organization of this article aims to collaborate with beginners, which means starting readers interested in the study of the dialogical approach to language from the perspective of Bakhtin and the Circle, bringing brief

---

1 Docente da Metrocamp e PUC-Campinas, Campinas, SP, Brasil. Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC Campinas. E-mail: taniamgebin@yahoo.com.br

2 Docente titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil. Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas(UNICAMP). E-mail: cristinatassoni@puc-campinas.edu.br. <https://orcid.org/0000-0002-8968-3981>

contributions from other scholars on the subject and also becoming written to be read the responsive actions that were presented to the authors when new concrete statement was being read and discussed. Three concepts are more detailed discussed: dialogism, concrete statement and gender discourse, which are organized and treated separately, only for didactic purpose. This paper is organized in two parts: a statement of goals and a brief narrative about Bakhtin and his personal and professional trajectory and, then highlight the concepts above mentioned. At the end, the article points out the importance of understanding Bakhtin in the scope of his work and this should affect the way we think. Also emphasizes a dialogical approach to language.

**Keywords:** Concrete statement. Dialogism. Gender Discourse.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é o de compartilhar a leitura de alguns apontamentos deixados por Bakhtin e pelos seus interlocutores do Círculo de Bakhtin, com leitores interessados em iniciar seus estudos sobre a abordagem dialógica de linguagem na perspectiva de Bakhtin e do Círculo. Nossa intenção é quebrar a tensão da primeira aproximação e ainda, dar voz às ações responsivas que se colocavam na medida em que cada novo enunciado concreto ia sendo lido. Essa leitura foi motivada pela necessidade de se buscar suporte metodológico para a análise dos dados de uma pesquisa documental que estava em curso, dentro de um programa de Pós-Graduação em Educação. O texto está organizado em duas partes: a primeira, além da apresentação do objetivo do artigo, uma breve cronologia dos fatos e pessoas que contextualizam a vida de Bakhtin e de sua produção. Na segunda, as primeiras reflexões sobre a aproximação de seu pensamento, com maior ênfase sobre três conceitos: dialogismo, enunciado concreto e gêneros do discurso, a partir de vários textos do próprio Bakhtin e ainda apoiadas e guiadas por outros autores: Brait (2013); Clark e Holquist (2004); Faraco (2009); Freitas, Jobim e Souza e Kramer (2007) e Silva (2013), que colaboram nesse movimento e ainda a ação responsiva ativa que encaminha para outras, num *continuum* promissor e desafiador.

Concordando com Silva (2013), a primeira dificuldade para alguém que se propõe a ler e estudar os conceitos desse autor

russo refere-se ao modo de produção dos textos, visto não terem sido, em grande parte, preparados para a publicação.

De acordo com Clark e Holquist (2004, p. 30), "Bakhtin<sup>3</sup> apresentava-se ao mundo como um indivíduo esquivo, contraditório e enigmático." De acordo ainda com esses autores, apresentar Bakhtin é tarefa árdua, visto ser ele um estudioso de formas imprecisas. A essência da obra de Bakhtin está em tornar claro como acontecem as várias formas de diálogo entre forças centrífugas, que procuram conservar as "coisas variadas, separadas, apartadas, diferenciadas uma das outras", e as centrípetas, que buscam "manter as coisas juntas, unificadas, iguais" (CLARK; HOLQUIST, 2004, p. 35).

A partir do entendimento bakhtiniano de que o homem é marcado pelo momento social, ideológico, histórico, cultural em que está inserido, trazer um breve olhar sobre o ambiente onde viveu este autor e seus principais interlocutores se mostra um caminho interessante a percorrer.

Filho de família nobre não titulada, Mikhail Mikhailóvitch Bakhtin e seus irmãos formavam uma família de relações formais. Nascido em Oreal, em 6 de novembro de 1895, sua vida e carreira foram cercadas de mistérios e contradições. Segundo Clark e Holquist (2004), ele viveu nessa cidade até os nove anos quando sua família mudou-se para Vilno, na Lituânia, ali permanecendo por cerca de seis anos.

Bakhtin iniciou seus estudos superiores em 1913, em uma universidade da cidade de Odessa, onde residia desde os quinze anos. No ano seguinte, mudou-se para Petrogrado, onde já estava seu irmão mais velho, e matriculou-se em estudos clássicos na Faculdade Filológico-Histórica. Segundo Clark e Holquist (2004, p. 44), "o membro mais importante da família era o irmão Nikolai, [...] o "outro" mais significativo que Bakhtin jamais encontrou". Foi nessa época que a osteomielite, doença que o acompanharia por toda vida, começou a se manifestar. Formado em estudos literários, Mikhail M. Bakhtin foi professor e um importante pensador do século XX, embora isso só tenha sido reconhecido como tal após a divulgação de sua obra, que permaneceu longe dos amplos debates por cerca de três décadas.

3 Será respeitada, em todo trabalho, a grafia registrada em Clark e Holquist (2004). Conforme o seu tradutor explica no início do livro, buscou a aproximação entre o som das palavras originais com a grafia da língua portuguesa, acentuando as palavras para ajudar na pronúncia. Há pequenas divergências na grafia de alguns nomes entre os diferentes autores consultados.

Durante 1914 e 1918, período em que Bakhtin cursou a faculdade, o mundo enfrentava a Primeira Guerra Mundial, e a Rússia, as duas revoluções russas de 1917. Com o final da revolução e a saída da então União Soviética da Primeira Guerra Mundial, tempos difíceis se instalaram nos grandes centros, como Moscou e Petrogrado. Muitos intelectuais, como relatam Clark e Holquist (2004), refugiaram-se em cidades menores. Bakhtin seguiu para a cidade de Nevel, distante menos de 500 quilômetros de Petrogrado. Lá lecionou em um ginásio. Foi também ali que se formou, em 1918, o Círculo de Bakhtin, expressão empregada em trabalhos e relatos, que inicialmente foi chamado de Círculo de Nevel. Refere-se ao grupo de intelectuais que se reunia para discutir os mais variados temas, visto ser composto por pessoas com diferentes formações, atividades profissionais e interesses intelectuais. Conforme Silva (2013), a prática de se reunir para dialogar, defender ideias, formar grupos de estudos e pesquisas era comum naquele contexto histórico. Conforme pontuam Clark e Holquist (2004, p. 65), os membros desses grupos “tinham em comum uma paixão pela filosofia e pelo debate das ideias” e, ainda, o ideal de servir à coletividade. Sem uma organização fixa nem tampouco agenda ou programa, as reuniões ocorriam animadamente, geralmente a partir de alguma resenha ou sinopse de um texto filosófico, que um dos participantes sugeria e que, após a sua leitura, passava a ser debatido. “Era uma época de chá forte e conversa até o amanhecer” (CLARK; HOLQUIST, 2004, p. 65). Esse grupo movimentava a vida intelectual de Nevel, com palestras, preleções, música.

Entre 1919 e 1921, por diversas razões, mas, principalmente por ser uma cidade com maior expressão cultural, parte do grupo se transferiu para a cidade de Vitebsk. Lá novos ingressantes se somam ao grupo. Foi nessa cidade que Bakhtin conheceu e se casou com Elena Aleksandrovna. A doença, que o havia acometido desde os 16 anos, também o acompanhou, o que, de certa forma, colaborou para a sua intensa produção intelectual nesse período, pois, como as dores eram horríveis e dificultavam a sua locomoção, o levaram a desenvolver nova rotina, que se pautava por leituras e anotações. Foi nesse período que esboçou pelo menos seis artigos, estando entre eles, *Arte e Responsabilidade*, que foi publicado em 1919 em uma revista de Nevel, uma monografia: *Estética da Criação Verbal*, e *O Dia da Arte*, livro sobre Dostoiévski.

Embora sendo a cidade de Vitebsk muito ligada à arte e oferecendo condições para que Bakhtin produzisse, não havia conseguido um trabalho que lhe permitisse bons vencimentos e ainda, nem ali e nem em Nevel ofereciam oportunidade para uma atividade acadêmica, nem tampouco para a publicação de seus trabalhos. Entretanto, o que o levou a Leningrado foi a sua doença, que de tal forma agravada lhe permitiu receber uma pensão estatal, o que o liberava do trabalho para sustento, porém não cobria todas as suas necessidades. A Rússia tinha saído recentemente do poderio dos czaristas e, após a revolução russa de 1917, Lênin assume o poder e o socialismo se estabelecera. Em 1924, Lênin morre e Stalin chega ao poder. Entre as inúmeras alterações que estão se instalando na nova União Soviética, a ideia de se ter uma só língua, sem respeitar as diversas culturas, tornou-se pensamento dominante, o que era inversamente pensada por Bakhtin e seu grupo, que defendiam “a linguagem como um lugar de convergência de diferenças, em que a identidade se constrói pela convivência com a diversidade, com o outro” (SILVA, 2013, p. 48).

Na última cidade, Leningrado, outros participantes se integraram ao grupo, como: Mikhail I. Tubiânski, considerado um interlocutor consistente e opositor a Bakhtin; Kanaiev, que trabalhava com Ciências Naturais e influenciou Bakhtin a ter interesse por questões biológicas, as quais o levaram a escrever a resenha *Vitalismo Contemporâneo*, que foi publicada em revista científica – *Homem e Natureza* – em 1926 e assinada por Kanaiev, “o primeiro dos artigos de Bakhtin a ser publicado sob o nome de um amigo” (CLARK; HOLQUIST, 2004, p.125). Outros seriam editados por integrantes do Círculo, mas que são de autoria discutível, conforme declarações conflituosas dos envolvidos e de outros participantes do Círculo, devido à coerência de ideias entre esses textos e os de autoria declarada de Bakhtin.

Entre os múltiplos interesses de Bakhtin, a questão religiosa sempre esteve presente em sua vida. Por influência de seu amigo L. P. Karsávin passou a fazer parte, em 1916, da Sociedade Filosófica-Religiosa. Conforme relatam Clark e Holquist, (2004, p. 55), nas décadas iniciais do século XX “houve uma acentuada revivescência religiosa no seio da *intelligentsia* russa, mas o espírito desse reavivamento estava de acordo com o espírito revolucionário reinante no país”. Uma das acusações que levou Bakhtin à prisão em

7 de janeiro de 1929 estava ligada a essa questão. Como indicam os seus biógrafos "Bakhtin foi vítima do açoitamento com que Stromin quis conquistar a reputação de purgador dos intelectuais. [...] Havia ainda, a acusação de que suas aulas dadas nos cursos pastorais [...] incorreram no crime socrático de 'corromper os jovens'." (CLARK E HOLQUIST, 2004, p.167).

Ainda segundo esses autores, após a sua prisão e inúmeros depoimentos, a ação tomada foi o seu exílio para o Casaquistão, vivendo na cidade de Kustanai por seis anos. Durante esse tempo, conseguiu manter-se praticando e ensinando contabilidade. Após esse afastamento, com a recomendação de Miedviédiev, Bakhtin se transfere para a cidade Saransk, na Mordávia, em 1936, para atuar como professor, o que não se manteria por muito tempo devido a questões políticas. Seu próximo destino foi Savelovo, distante de Moscou cerca de cem quilômetros. Nessa cidade, sem trabalho efetivo e com a saúde castigando-o (precisou amputar a perna direita em 1938), foi amparado por amigos e pela família, todavia se manteve produtivo mentalmente. Durante o período que antecedeu o início da Segunda Guerra Mundial, e mesmo durante o seu desenrolar até o seu final, a polícia secreta soviética abrandou a sua atenção aos antigos presos políticos, o que permitiu que Bakhtin pudesse voltar a ministrar aulas, inclusive, em 1945, retornar a Saransk, ao seu antigo cargo de professor do Instituto Pedagógico. O casal Bakhtin permaneceu nessa cidade até 1969, quando o estado de saúde de ambos os obrigou a receber cuidados de terceiros. Foram levados a um hospital em Moscou e, mais tarde, acomodados em diferentes locais, à medida que iam necessitando de outras facilidades. Elena, sua esposa, faleceu em 1971, e Bakhtin, quatro anos depois, em 7 de março de 1975. De acordo com Clark e Holquist (2004, p. 356), segundo relato da enfermeira que lhe fazia companhia, suas últimas palavras foram: "Eu vou ter contigo. [...] Estava procedendo, ao expirar, exatamente como procedera em todo o curso de sua longa vida, dirigindo-se ao encontro do outro".

## **ANOTAÇÕES DE BAKHTIN E DO CÍRCULO DE BAKHTIN**

Dentre os inúmeros participantes do Círculo, Bakhtin e Volochinov são os pensadores que mais deixaram registros envolvendo a linguagem, que, segundo alguns autores, como Clark e Holquist

(2004), Faraco (2009) e Silva (2013), não são encontrados em um só texto, ou seja, essas reflexões estão anotadas em diversos manuscritos ao longo de uma década – da formação do círculo em 1919 até o seu esvaziamento em 1929 e ainda em textos assinados por Bakhtin ao longo de sua vida. Neste trabalho, três conceitos estão destacados: dialogismo, enunciado concreto e gêneros do discurso. Entretanto, antes de nos determos particularmente sobre eles, entender o que é linguagem para Bakhtin se mostra um ponto de partida interessante. Segundo Brait (2013, p. 88)

O conceito de linguagem que emana dos trabalhos desse pensador russo está comprometido não com uma tendência linguística ou uma teoria literária, mas com uma visão de mundo que, justamente na busca das formas de construção e instauração do sentido, resvala pela abordagem linguístico-discursiva, pela teoria da literatura, pela filosofia, pela teologia, por uma semiótica da cultura, por um conjunto de dimensões entretecidas e ainda não inteiramente decifradas.

Bakhtin se envolveu principalmente com as questões de uma abordagem dialógica de linguagem, o eu e o outro, a palavra como uma “arena”, um espaço de conflito entre o eu e o não eu.

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma, o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo. [...] A consciência do homem desperta envolta da consciência do outro (BAKHTIN, 2000, p. 378).

“A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam” (BAKHTIN, 2013, p. 209), ou seja, a linguagem, independente da esfera em que esteja inserida, do uso da vida cotidiana, artística, científica, está envolta de relações dialógicas. Essas, por sua vez, “se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico. [...] Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas”.

Essa personificação, ou materialização, como também trata Bakhtin (2013), dá-se quando as palavras passam a ter um autor, passam a pertencer a um enunciado, que é dirigido a alguém. As relações dialógicas são possíveis em todas as situações em que se puder ouvir, perceber o outro e o enunciado que carrega.

Para Bakhtin (1995, p. 36), "a palavra é um fenômeno ideológico por excelência", visto ser ela "o modo mais puro e sensível de relação social", e ainda neutra, pois "pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa". Além de a palavra se relacionar com o outro, também é a palavra que pode agir como "signo sem expressão externa", como um instrumento de consciência, como explica Bakhtin:

A palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for. [...] Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. (BAKHTIN, 1995, p. 37)

Bakhtin (1995) propõe ainda o estudo das ideologias, que neste trabalho não será desenvolvido, mas que está presente no entendimento de todos os conceitos bakhtinianos. Refere-se a esse conceito sempre no plural, de acordo com Faraco (2009, p. 46-47), "para designar a pluralidade de esferas da produção imaterial (assim, a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política são as ideologias)". Conforme ainda ressalta Faraco (2009), nos registros do Círculo de Bakhtin, o termo ideologia não se apresenta "com o sentido de 'mascaramento do real', comum em algumas vertentes marxistas". É empregado para "designar o universo dos produtos do 'espírito humano' [...] e, igualmente, de formas da consciência social." Ampliando esse entendimento, para Bakhtin, "tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. [...] Tudo o que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia" (BAKHTIN, 1995, p. 31). Há alguns exemplos de signos citados por Bakhtin (1995): um deles é do pão e vinho. Na utilização material do pão e do vinho, não estão presentes marcas ideológicas, porém, em um serviço religioso, pão e vinho são um signo. Bakhtin



menciona ainda que a existência do signo está necessariamente vinculada à vida em sociedade. Para que o signo exista como tal, precisa ter o significado compartilhado entre dois ou mais. Ainda, “a consciência (individual) adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (BAKHTIN, 1995, p. 35).

Outro aspecto tratado por Bakhtin (1995, p. 44) diz respeito ao “conteúdo do signo e do índice de valor que afeta todo o conteúdo”. Dependendo dos diferentes momentos em que uma sociedade se encontra, alguns itens, objetos, dentro de uma esfera limitada, adquirem um valor social, por razões geralmente de importância socioeconômica desse grupo, ou ainda, conforme pontua Bakhtin (1995, p. 45), “não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social”. A abordagem dialógica da linguagem, ideologia, signo e valor social são conceitos que ajudam a compor os que estão destacados na sequência.

## DIALOGISMO

A teoria dialógica foi desenvolvida por Bakhtin, Voloshinov e Medvedev – o Círculo de Bakhtin. Para ajudar no entendimento desse conceito, de acordo com Silva (2013), o Círculo traz a contribuição de Saussure no *Curso de Linguística Geral*, em que a língua é estudada como um sistema, que trata os interlocutores como parte desse, não considerando as marcas do momento social, ideológico ou histórico em que estão, ou seja, os pensadores do Círculo, além de considerarem a interação entre os interlocutores, ainda mencionam a relação desses interlocutores com a sociedade, o que não era considerado na teoria de Saussure. Para o Círculo de Bakhtin, o homem é marcado por sua posição social, história e ideológica.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1995, p.123).

Na perspectiva de Bakhtin (e do Círculo), fica distinto que o enunciado também pertence ao interlocutor, ao leitor, e não somente ao enunciador, ou seja, o tema da palavra envolvida se dará na interação específica, ou seja, não há uma via única de emissão de enunciado – do emissor para o interlocutor, mas ambos o constroem no momento da interação e, como pontua Silva (2013), esse domínio não é assegurado apenas a dois, mas a possíveis outros interlocutores que entrarão em interação com tal enunciado. Essa forma de entender um enunciado colabora no entendimento deste conceito de Bakhtin – o dialogismo: se toda palavra se dirige a alguém e tem seu tema construído na interação, temos sempre o mínimo de dois interlocutores. No entanto, devemos também considerar que todos os enunciados de que participamos vêm de outros enunciados e provocam respostas (SILVA, 2013, p.53).

Ao discutir o conceito dialogismo segundo Bakhtin, Barros (2013), assim como Silva (2013), aponta que ele se dá a partir de duas noções – o diálogo entre interlocutores e o diálogo entre discursos ou entre outras vozes, que podem estar explícitas ou não.

Nas interações verbais, as relações dialógicas ocupam um lugar onde muitas outras vozes estão presentes, ou seja, as vozes trazidas pelos interlocutores, pelos locais onde estão social e historicamente, e ainda as outras vozes que surgem no momento da relação dialógica, que é sempre mutável devido às condições de produção. Essa tensão entre vozes pode ser polifônica ou monofônica. Para Silva (2013, p. 57), polifonia é um tipo de dialogismo, ou seja, “é a complexa relação entre as vozes do autor e das personagens da obra de Dostoiévski. [...] é a orquestração dessas vozes, sem nenhum tipo de hierarquia ou predominância da voz do autor”. Assim, é possível dizer que o dialogismo pode ser monofônico (ou monofonia), quando apenas uma voz pode ser ouvida, percebida na relação dialógica, ficando as demais abafadas, encobertas e ainda, polifônico (polifonia), quando o dialogismo se mostra, se deixa ver através das muitas vozes presentes. Barros apresenta a distinção entre polifonia e dialogismo, da seguinte forma:

[...] o termo dialogismo para o princípio dialógico constitutivo da linguagem e de todo o discurso e empregando a palavra polifonia para caracterizar um certo tipo de texto em que o dialogismo se deixa

ver, aquele em que são percebidas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem. (BARROS, 2013, p.34)

Por conseguinte, ainda de acordo com Barros (2013, p. 34), “monofonia e polifonia são [...] efeitos de sentido, decorrentes de procedimentos discursivos, de discursos por definição e constituição dialógicos”.

Para Bakhtin (1995), a palavra “diálogo” não deve ser entendida apenas no seu sentido mais comum, ou seja, na interação entre duas pessoas, presentes, se pode ouvir o que está sendo dito em voz alta, mas também deve ser compreendido como uma interação verbal de qualquer natureza, como um livro, por exemplo.

## **ENUNCIADO CONCRETO**

Como já mencionado acima, de acordo com o entendimento de Bakhtin (1995), a língua se realiza na interação social. Bakhtin (1995, p. 112) refere-se ao produto dessa interação, a enunciação, como sendo “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor”.

O enunciado, unidade real da comunicação verbal, é a efetivação da fala, ou seja, “a fala só existe [...] na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma” (BAKHTIN, 2000, p.293). Isso equivale a dizer que cada enunciado é único, mesmo com estruturas comuns e, independente da forma, do conteúdo, do tamanho, “é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)” (BAKHTIN, 2000, p.283).

Há teorias que se envolvem também com o estudo da linguagem que diferenciam enunciação de enunciado, ou seja, tem para o primeiro o entendimento de que “é o ato de por em uso o sistema da língua (um processo) e o enunciado é o resultado desse ato (um produto)” (SILVA, 2013, p. 49). Para o Círculo de Bakhtin, essa separação não é considerada, pois, no entendimento deles, o enunciado concreto abrange a ambos, ou seja, “é um todo formado

pela parte material (verbal e visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção” (SILVA, 2013, p.49).

A alternância entre os sujeitos falantes é marcada pelas fronteiras entre os enunciados. De acordo com Bakhtin (2000, p. 294)

todo enunciado [...] comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra para o outro ou para dar lugar à compreensão responsiva do outro.

Parafraseando Bakhtin (2000), tal alternância pode ser bem diversa e de formas variadas, ficando mais evidente nos diálogos presenciais da vida real, em que as réplicas – a posição do outro – são marcadas e se mostram inter-relacionadas, numa relação de “pergunta-resposta, asserção-objeção, afirmação-consentimento, oferecimento-aceitação, ordem-execução, etc.” (BAKHTIN, 2000, p. 294).

Há, em alguns gêneros secundários, como nos retóricos, alguns elementos que se colocam em oposição ao acima explicitado por Bakhtin (2000, p. 294): “o locutor (ou escritor) formula perguntas, responde-as, opõe objeções que ele mesmo refuta, etc.”, procurando representar uma comunicação verbal de gênero primário, uma antecipação de réplica que poderia ocorrer se em uma interação presencial ou direta. Essa é uma das estratégias empregada pelos gêneros retóricos (jurídicos, políticos).

A alternância entre os locutores se dá a partir da finalização de um enunciado e a espera pela réplica, pela resposta. Essa finalização é percebida pelo interlocutor a partir do que Bakhtin (2000) nomeia de acabamento do enunciado. Nesse, o locutor sinaliza que disse tudo o que queria dizer e aguarda uma ação responsiva que encadeará a outra réplica, e assim sucessivamente.

Bakhtin (2000, p. 319) considera o enunciado “além do objeto de seu teor sempre responde (no sentido lato da palavra), de uma forma ou outra, a enunciados do outro anteriores”. Não há discurso adâmico. Segundo ele, mesmo quando estamos pensando, estamos

interagindo com o pensamento do outro. O enunciado "é um elo na cadeia de comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica" (BAKHTIN, 2000, p. 320).

Ao considerar o enunciado *um elo na cadeia de comunicação verbal* e, portanto, resposta a enunciados anteriores como colocado acima, é preciso considerar os outros que virão em seguida, que desempenham papel importante na cadeia de comunicação, visto serem considerados atuantes na comunicação verbal. Sobre este aspecto, Bakhtin (2000, p. 320) coloca: "o índice substancial (constitutivo) do enunciado é o fato de dirigir-se a alguém, de estar voltado para o destinatário." Nessa perspectiva, cada enunciado é produzido por um autor e se dirige a um outro, que pode ser um interlocutor próximo, um outro desconhecido, um grupo, como por exemplo em uma palestra, ou ainda um outro distante, "o outro não concretizado".

Ao enunciar algo, está-se enunciando para alguém, que em muitas situações pode ser para um interlocutor (leitor) próximo, porém há situações, como mencionado, em que o interlocutor não é delineado. Como, então, o locutor (ou o escritor) concebe o seu destinatário e, ainda, quanto isso afeta o enunciado. Segundo Bakhtin (2000, p. 321) "cada um dos gêneros do discurso em cada área de comunicação verbal tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero". Portanto, conhecer ou presumir o destinatário, ouvinte ou leitor, está relacionado à produção do enunciado do locutor ou escritor, na medida em que ao conhecer, imaginar ou presumir o destinatário, o falante, escritor, seleciona o gênero e, durante a produção do seu enunciado, considera uma possível resposta.

O enunciado daquele a quem respondo (aquiesço, contexto, executo, anoto etc.) é já-aqui, mas a sua resposta, sua compreensão ativa é por-*vir*. Enquanto elaboro meu enunciado, tendo a determinar essa resposta de modo ativo; por outro lado, tendo a presumi-la, e essa resposta presumida, por sua vez, influi o meu enunciado (precavendo-me das objeções que estou prevendo, assinalo restrições, etc.) (BAKHTIN, 2000, p. 321).

Silva (2013, p.49-50), a partir das considerações de Bakhtin, e para colaborar no entendimento de enunciado concreto, traz como exemplo uma charge de jornal: analisar o desenho, as palavras que compõem a charge, é uma possibilidade de se analisar o enunciado, entretanto, para Bakhtin e o Círculo, há outras questões a serem consideradas, tanto sobre o autor da charge (quais os assuntos que ele (o autor) costuma se envolver, quais são os jornais, revistas em que são publicadas as suas charges) e, ainda, a que público se destina, em que seção do jornal ela se encontra, quais são as notícias do dia em que se encontra essa determinada charge, entre outras possibilidades. Todos esses elementos fazem parte do enunciado que está colocado naquela charge, fazem parte do todo que compõem o sentido ali criado, tanto de quem desenha quanto de quem irá ler. Todavia, como se deve entender o *sentido*?

No pensamento bakhtiniano sobre as relações dialógicas do enunciado, o *sentido* é formado por dois outros conceitos: significação – que é a forma constante compartilhada – e tema, que é sempre único, pois se refere ao todo do enunciado concreto, isto é, está presente nesse enunciado, um todo formado pelas condições específicas daquele momento da enunciação, que nunca houve antes e nunca mais ocorrerá.

Segundo Bakhtin (2000, p. 321), “essas formas e concepções do destinatário se determinam pela área da atividade humana e da vida cotidiana a que se reporta um dado enunciado”. O destinatário pode ser o mesmo em *pessoa*, como Bakhtin (2000, p. 321, grifo do autor) se refere para quando esse destinatário é a mesma pessoa – para a qual falo ou escrevo e de quem espero resposta, portanto coincidente. Nesse processo, há duas posições diferentes do mesmo protagonista: uma é quando ele fala, anseia pela resposta, e ainda, a outra, tenta presumi-la e essa presunção afeta o seu enunciado, na medida em que se preocupa com o outro, como pontua Bakhtin (2000, p. 321):

Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual a minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas

opiniões e convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias, etc; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado. Esses fatores determinarão a escolha do gênero do enunciado, a escolha dos procedimentos composicionais e, por fim, a escolha dos recursos linguísticos, ou seja, o estilo do meu enunciado.

Outro aspecto importante para Bakhtin (2000, p. 396) nessa interação entre os sujeitos e a sociedade é a avaliação, “é o mundo dos tons pessoais e dos matizes que se exerce, porém não a respeito das coisas [...] e sim a respeito do mundo dos outros, do mundo da pessoa”. O autor ainda acrescenta que “o tom não é determinado pelo material do conteúdo do enunciado ou pela vivência do locutor, mas pela atitude do locutor para com a pessoa do interlocutor (a atitude para com sua posição social, para com sua importância, etc.)”.

## **GÊNEROS DO DISCURSO**

De acordo com Silva (2013), no início da década de 1990, com a divulgação pelo Ministério da Educação de documentos que objetivavam orientar os estudos do ensino fundamental e médio para todos os componentes curriculares, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa se apoiavam na perspectiva de Bakhtin sobre a relação entre o autor, o texto e o leitor, o que despertou atenção para os gêneros do discurso.

Para Bakhtin (2000, p. 279), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Mesmo considerando toda diversidade que possa haver nos ambientes, nos propósitos, a língua se realiza por meio de enunciados, que podem ser orais ou escritos e que estão relacionados à especificidade de sua produção. Há sempre três elementos na composição de enunciados, que são tratados por Bakhtin como indissolúveis – “conteúdo temático, estilo e construção composicional”, e, ainda, por estarem ligados a eventos mais ou menos estáveis nas mais diversas formas de utilização da língua pelo homem, são empregados de forma também relativamente estáveis, o que Bakhtin (2000, p. 279) denomina de gêneros do discurso.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Mesmo considerando essa imensa diversidade dos gêneros do discurso, Bakhtin (2000) aponta uma diferença essencial entre o gênero de discurso primário e o gênero de discurso secundário: o primário, simples, geralmente oral, mas não necessariamente, está ligado às atividades cotidianas, do falar espontâneo com o outro, como nas conversas familiares, bilhetes; o secundário está presente em comunicações mais complexas, predominantemente escrita e culturalmente mais elaborada. Além de se perceber esses dois grupos, necessário ainda é considerar que os gêneros primários, ao serem inseridos em gêneros secundários, perdem a sua característica de estarem ligados à realidade existente e passam a ser uma expressão literária, artística, mesmo que mantenham características de estilo, forma, do gênero primário.

Essa diferenciação – entre gêneros primários e secundários – tem grande relevância para se entender a natureza do enunciado, as particularidades de cada gênero.

Entretanto, ainda segundo Silva (2013), é necessário ter cautela e não entender que a combinação – tema, estilo e forma composicional – esgota a complexidade dos gêneros do discurso. Muito pelo contrário, há inúmeros outros conceitos que colaboram para a apropriação de cada parte. O entendimento fragmentado pode levar a situações destoantes, como, por exemplo, que tema não é o significado, como coloca Silva (2013, p. 59), mas é o “que há de único e irrepetível em cada enunciado concreto”, como já discutido anteriormente.

O estilo, independente de outras características, oral ou escrito, é sempre individual, portanto poderia refletir a individualidade de quem o produz, todavia essa marca pode ser mais percebida nos gêneros literários. Há certa padronização em alguns gêneros, o que leva à questão da individualidade a não ser observada. Conforme Bakhtin (2000, p. 284):

O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente



importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.).

**Silva (2013) destaca que marcas deixadas pela posição sócio-histórica e ideológica e incontáveis outras vozes de todas as interações anteriores estão presentes na fala do homem, entretanto as escolhas para os enunciados são individuais, únicas. Além desses fatores de estilo, há ainda os de ordem externa que devem ser considerados. Por exemplo, as orientações, as limitações, dependendo de onde os enunciados são proferidos, escritos, divulgados.**

**O terceiro elemento, de acordo com Silva (2013, p. 59), considerado indissociável que compõe o gênero do discurso na perspectiva bakhtiniana – a forma composicional – “não deve ser entendida apenas como um esquema sempre presente no gênero que estudamos. Ela está associada ao todo do enunciado, e dialoga com outros enunciados do mesmo gênero”.**

**Segundo Bakhtin (2000, p. 302)**

Os gêneros do discurso organizam a nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações.

**Isso equivale a dizer que, dependendo do gênero do discurso identificado pelo interlocutor ou leitor, ele fará escolhas sobre a sua ação responsiva, o que está relacionado ao acabamento do enunciado. Bakhtin (2000) relaciona essa percepção de finalização da fala do outro com a alternância entre os sujeitos em interação verbal. Essa alternância é percebida quando o locutor “disse (ou**

escreveu) *tudo* o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas. Ao ouvir ou ao ler, sentimos claramente o fim de um enunciado, como se ouvíssemos o 'dixi' conclusivo do locutor" (BAKHTIN, 2000, p. 299).

Há critérios peculiares a esse acabamento, como a possibilidade de resposta, que pode ser a uma simples pergunta do cotidiano ou a uma palestra sobre determinado assunto, sendo que em ambas se pode concordar plenamente ou apenas em parte ou refutar totalmente, mas em qualquer uma das situações é necessário o acabamento para que uma reação de resposta possa suscitar. No acabamento, estão presentes três fatores: "1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero acabamento" (BAKHTIN, 2000, p.299). O intuito, que é subjetivo e o objeto de sentido, o tema, que é objetivo, levam o falante, escritor a buscar o gênero do discurso mais apropriado, e o ouvinte ou leitor consegue perceber o enunciado em andamento e seu possível acabamento, para então ter sua ação responsiva.

Há gêneros do discurso cujos enunciados concretos pedem uma ação responsiva pontual, como nos enunciados do cotidiano, como por exemplo, *que horas são, por favor?* Há outros em que essa ação responsiva pode ser apenas de contemplação, silenciamento, reflexão, apagamento.

Entender a natureza do enunciado e as características de gênero que marcam a diversidade do discurso é fundamental para qualquer estudo, pois é dos enunciados concretos que os estudiosos "extraem os fatos linguísticos de que necessitam" (BAKHTIN, 2000, p. 282).

Entretanto, não há final para as relações dialógicas... elas se sucedem em um *continuum* entre falantes, escritores, interlocutores, leitores, e, mesmo quando se está só, apenas em pensamento, as múltiplas vozes que ocupam o pensar se mantêm... em algum tempo escapam e se fazem ouvir por outras.... numa sucessão sem fim. Este trabalho é o conjunto das múltiplas vozes, que foram ouvidas, lidas, reelaboradas e de algumas ações responsivas que foram registradas, organizadas neste artigo. Não há final. Para cada possível interlocutor, leitor, haverá diferentes ações responsivas ativas ou retardadas, mas sempre uma ação responsiva, que se manterá em outras relações dialógicas.

## CONSIDERAÇÕES

Ao trazer para discussão esses conceitos tratados por Bakhtin – dialogismo, enunciado concreto e gênero do discurso, na perspectiva social da linguagem, ou seja, considerando a presença constante do outro, mesmo que distante e não concretizada, está-se assumindo uma outra forma de se envolver com a linguagem, ou seja, entende-se que o falante, autor, até mesmo antes de iniciar o seu enunciado concreto está levando em consideração o outro, ou seja, a imagem percebida ou presumida do outro e que terá a produção do seu enunciado afetada pelo seu interlocutor, inclusive levando-o a decidir por um gênero do discurso que melhor atenda ao querer dizer do locutor. Além disso, tanto o momento de enunciar, do locutor, como o momento da réplica ou enunciação, do interlocutor, ambos já foram afetados por todos os outros enunciados concretos que se envolveram anteriormente e pelo contexto onde essa interação social está ocorrendo. Essa amplitude e ao mesmo tempo, unidade e singularidade que Bakhtin traz para as relações dialógicas absolutamente confirma o que os seus biógrafos, Clark e Holquist (2004) registram como sendo um dos maiores desafios para quem se aproxima desse pensador: o modo de pensar bakhtiniano exige que mudemos o nosso próprio modo de pensar para conhecer. Há nitidamente um pensar antes e um depois de se encontrar com Bakhtin.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às Teorias do Discurso. In: BRAIT, B. **Bakhtin Dialogismo e Construção de Sentido**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- BRAIT, B. **Bakhtin Dialogismo e Construção de Sentido**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Educacional, 2009.

FREITAS, M. T.; JOBIM e SOUZA, S.; KRAMER, S. **Ciências Humanas e Pesquisa**. Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. P. P. F. Bakhtin. In: OLIVEIRA, L. A. (Orgs.). **Estudos do Discurso – Perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

Submetido em 5 de Janeiro 2020

Aceito em 20 de Fevereiro 2020

Publicado em 6 de Março 2020

